M - 84 - 28.11.53
11.551
DN 7.5.66
Radio 11.12.63

VELHAS CARTAS

Rubem Braga

1232

"Você nunca, saberá o bem que sua carta me fez..." Sinto um choque ao ler esta carta antiga que encontro em um maço de outras. Vejo a data, e então lembro onde estava quando a recebí. Não me lembro é do que escrevi que fez tanto bem a uma pessoa. Passo os olhos por essas linhas antigas, elas dão notícias de amigos, contam uma ou outra coisa do Rio, e tenho curiosidade de ver como ela se despedia de mim. E' do jeito mais simples: "A saudade de..."

Agora folheio outras cartas de amigos e amigas; são quase todas de apenas dois ou três anos atrás. Mas como isso está longe! Sinto-me um pouco humilhado pensando como certas pessoas me eram necessárias e agora nem existiriam mais na minha lembrança se eu não encontrasse essas linhas rabiscadas em Londres ou na Suíça. "Cheguei nêste instante; e a primeira coisa que faço, como prometí, escrever para você, mesmo porque durante a viagem pensei demais em você..."

Isto sôa absurdo a dois anos e meio de distância. Não faço a menor idéia do paradeiro dessa mulher de letra redonda; ela, com certeza, mal se lembrará de meu nome. E êsse casal, santo Deus, como era amigo: faziamos planos de viajar juntos pela Itália; os dias que tinhamos passados juntos eram "inesquecíveis".

E êsse amigo, como era amigo! Creio, entretanto, que êle está hoje na mesma cidade que estou; não tivemos qualquer incidente mas certamente nenhum de nós dois se lembra de procurar o outro.

Essa que se acusa e se desculpa de me haver maltratado — "mais pourquoi alors ai-je été si méchante... j'ai du te blesser, pardon... oh, j'étais vraiment stupide et tu dois l'oublier... je veux te revoir..." — entretanto eu não me lembro de mágua nenhuma, seu nome é apenas para mim uma doçura distante.

E que terriveis negocios planejavam êsse meu amigo de sempre! Sem dúvida iriamos ficar ricos, o negócio era fácil e não podia falhar, êle me escrevia contente de eu ter topado com entusiasmo a idéia, achava a sugestão que eu fizéra "batatal", dizia que era preciso "agir imediatamente". E' extraordinário que nunca mais tenhamos falado de um negócio tão maravilhoso.

Aqui outro amigo escreve do Rio para Paris me pedindo um artigo urgente e grande "sôbre a situação atual da literatura francesa, pelo menos dez páginas, nossa revista vai sair no dia 15, faça isso com urgência, estamos com quase toda a matéria pronta". Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa ~~passou~~ não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos.

As cartas mais queridas, as que eram boas ou ruins demais, eu as rasguei há muito. Não guardo um documento siquer das pessoas que mais me afligiram e mais me fizeram feliz. Ficaram apenas, dessa época, essas cartas que na ocasião tive pena de rasgar e depois não me lembrei de deitar fora. A maioria eu guardei para responder depois, e nunca o fiz. Mas também escrevi muitas cartas e nem todas tiveram resposta.

Imagino que em algum lugar do mundo há alguém que nêste momento remexe, por acaso, uma gaveta qualquer, encontra uma velha carta minha, passa os olhos por curiosidade no que escrevi, hesita um instante em rasgar, e depois a devolve à gaveta com um gesto de displicência, pensando, talvez: "é mesmo, êsse sujeito onde andará? eu nem me lembrava mais dêle..."

E agradeço a êsse alguem por não ter rasgado a minha carta; cada um de nós morre um pouco quando alguém, na distância e no tempo, rasga alguma carta nossa, e não tem êsse gesto de deixá-la em algum canto, essa carta que perdeu todo o sentido, mas que foi um instante de ternura, de tristeza, de desejo, de amizade, de vida — essa carta que não diz mais nada e apenas tem fôrça ainda para dar uma pequena e absurda pena de rasgá-la. ~~(Agência Nacional).~~

asl

t/

Dez. 52

196